

## O SUCESSO NA ESCOLA – O SUCESSO NA VIDA

Atravessamos hoje uma época em que o problema de sucesso escolar se põe com grande acuidade e angústia. A escola foi-se transformando, de há um século a esta data, no veículo mais importante da instrução e educação. Foi grande a transformação das sociedades ocidentais do século XVIII para o século XIX: até então eram o nascimento e o acaso os filtros para o desempenho das funções sociais. A contiguidade e o exemplo forneciam modelos e instrumentos; a escola era um lugar de excepção. Com o avanço social e técnico do século XIX, foram-se quebrando os estamentos sociais, tornou-se mais arejado o espaço social e as linhas do horizonte dos indivíduos ficaram mais distantes. A democratização das possibilidades, a diversidade de modelos, o império da alfabetização começaram paulatinamente a ser um facto e para esta desintegração social, para esta “individualização” crescente e para a generalização da escrita e da leitura, houve a necessidade de multiplicar as escolas – lugares de artifício – em que se deveria aprender o que já não era possível adquirir por contiguidade e exemplo. A escola foi-se tornando eixo fundamental da vida das sociedades, de tal modo que passou a ser campo de disputa entre a Igreja ou igrejas e o Estado, entre este e a Família, entre ideologias, etc.. A tal modo importante, a Escola passou a ser alvo de críticas inúmeras, reformas de várias espécies e até de contestação. Se, por um lado, temos a proposta utópica de Neil, por outro temos a contestação paradigmática de Ivan Illich.

No nosso século, o papel da Escola avoluma-se, dada a crescente absorção das famílias pelo viver quotidiano (seja no aspecto das ocupações profissionais, seja no campo dos lazeres) e como consequência da especialização crescente das tarefas sociais. Neste sentido, nas sociedades industrializadas que uns são e outros pretendem ser, nas sociedades massificadas que todos somos, levantam-se problemas de toda a ordem quanto ao funcionamento e eficácia da acção escolar. Em Portugal, por exemplo, desde 1974/75 que vem sido pedido ao Estado, caído em convulsões políticas difíceis que ainda não lhe permitem um aparelho suficiente para as necessidades de uma sociedade nos primeiros passos da democracia, que assuma a tarefa educativa dos portugueses na sua quase totalidade. Com efeito, a percentagem de escolas privadas em relação às

oficiais é reduzida. Estas vivem na sua maioria os problemas das respostas insuficientes: edifícios mal equipados, professores mal preparados, populações subaproveitadas que levam a Escola ao insucesso escolar. Mas o problema é mais radical porque se Portugal atravessa circunstâncias especiais que lhe advém de um nascer de um novo regime político-social, o estrangeiro ocidental também se alarma com a repetência dos alunos e com a sua impreparação para a vida social e individual.

No fundo, o problema do insucesso escolar é geral porque é profundo. Prende-se com a responsabilização crescente da Escola quanto à Educação e simultaneamente com a evolução do conceito de educação.

A relação entre educação enquanto pedagogia e a filosofia e a cultura é implícita. Hoje pede-se à Escola que ensine a ser feliz e a felicidade é hoje entendida como a consecução de um projecto individual de vida que se encara como um processo de criação individual, original, único, a construir por cada um, intransferivelmente.

É bela a evolução da filosofia ocidental à procura do homem. É bela a evolução da filosofia ocidental à procura do real. Durante tempos, encarado como um *ser natural* – coisa, como um *ser moral* ou como um *ser pensante*, o homem chegou ao limite de ser reduzido ao *eu pensante*, sempre referido às duas realidades que o constituíram, numa relação mais de distensão do que composição, obrigado a escolher entre o corpo – a matéria – e a alma – o espírito. Por outro lado, na sua preocupação com o real, o pensamento ocidental optou algumas vezes pelas coisas – estas seriam a realidade e noutras ocasiões daria às ideias a honra de serem o que existe. Contemporaneamente o problema da realidade foi olhado pelo prisma mais radical que há: a vida humana, encarando-se esta como um *faciendum*, algo que se vai fazendo – cada um a sua, intransferivelmente, gerúndio, nunca participio passado<sup>1</sup>, afazer a que se é fatalmente obrigado desde que se nasce, já que a vida é dada, não feita, mas por fazer<sup>2</sup>. Surge assim a ideia de que a vida humana é individual e que o homem não é o seu corpo nem é o seu espírito, mas a sua história. Esta concepção pressupõe que a vida humana é um afazer problemático porque cada um tem de resolver o *como* da sua vida: o que fazer da sua vida ou o que fazer com a sua vida. Ortega y Gasset, o autor desta visão, dirá até que não é apenas economicamente que temos de ganhar a vida, mas vitalmente porque

---

<sup>1</sup> Ortega y Gasset, filósofo espanhol (1883-1955)

<sup>2</sup> Id.

das opções que se tomam neste afazer fatal que é a vida humana individual, depende a realidade que cada um é. Sugestivamente, o homem passa então a ser definido não como uma coisa natural ou como um ente racional, mas como um acontecimento, uma acção, um drama, uma história. O homem, cada um de nós, é a sua própria história: somos definidos pela vida que construímos, pelo modo como levamos a nossa vida. É ela que nos dá a face que temos, para nós e para os outros.

Este afazer vital individual processa-se dentro de circunstâncias que oferecem inúmeras possibilidades que têm de ser objecto de escolha conforme o que mais convier (“eu sou eu mais a minha circunstância; se a não salvo, não me salvo a mim”)<sup>3</sup>. É na noção daquilo que mais convém que reside a dificuldade da vida individual, porque essa noção está implicada na realização de um projecto que se tem de fazer (imaginar) e que corresponde aos anseios daquilo que se vai descobrindo acerca da sua própria interioridade, naquele fundo insubornável<sup>4</sup>, tão fundo que se tem de desvelar, compreender e construir. É da consecução da descoberta daquilo a que cada um se sente chamado a ser – o sentido da palavra *vocação* – e da capacidade de realização que depende a felicidade de cada indivíduo, esse “impossível necessário” na expressão de Ortega y Gasset impossível de atingir, mas necessário como projecto e pretensão.

É pelo direito a esta felicidade que a sociedade ocidental hoje clama. A felicidade já não consiste na realização social ou profissional, embora estas sejam importantíssimas em sociedades como as nossas, estandardizadas e vorazes em que a competitividade é a lei da sobrevivência. A felicidade é a realização individual que passa pela concretização daquilo que se sonha ser, do personagem que se cria e se ajusta a si próprio. É belo que a nossa cultura tenha chegado à capacidade de propor que cada indivíduo seja o seu próprio demiurgo e se vá libertando da desumanização da vida individual que a vida social impõe. Diz o mesmo Ortega y Gasset que esta desumanização foi possível na nossa cultura, e até em outras, porque a vida humana foi sendo pensada como serviço de princípios a ela transcendentes. Ora a vida humana é um valor em si como realidade básica em que todas as outras realidades se entroncam para poderem ter sentido, quer dizer, para poderem ser vividas, embora tenham existência própria.

---

<sup>3</sup> Id.

<sup>4</sup> Id.

A vida humana individual é assim um processo de relacionamento, dado que é ela que permite o relacionamento do que existe. Da sua qualidade depende a qualidade do mundo. Evocando Platão, Ortega y Gasset lembra que o grego, para quem o amor era a sabedoria perfeita, ensinava que uma convivência cuidada seria afinal o cume do universo. Sendo isto assim, há que pedir à Escola que providencie a aprendizagem da vida. Aquele esquema da «educação para a vida» terá de evoluir para educação da vida. Mas esta tarefa transcende a própria Escola; ela é obra para toda a sociedade, sendo certo que por caminhos tortuosos se vislumbram hoje possibilidades de isso se conseguir, tamanha é a capacidade dos meios de comunicação para fazerem chegar a um número cada vez maior de pessoas o que desperta a emoção estética, a emoção afectiva e o pensar.

Existe em Portugal um pedagogo nosso contemporâneo que não só pensou na realidade da vida como felicidade como praticou o seu ensino: Sebastião da Gama que na vida que realizou e na escola em que trabalhou procurou ensinar a viver os que dele se abeiravam. Sebastião da Gama, o poeta da Arrábida, para quem o afazer principal era amar e o objectivo primacial como professor era ajudar os alunos a «desenvolverem-se, crescerem, saberem ‘resolver’ e poderem perceber»<sup>5</sup> registou a sua reflexão e a sua prática pedagógica num livro de expressão lindíssima: o *Diário*. Este livro é um campo formidável de reflexão, como demonstra a teorização que dele soube fazer um leitor estrangeiro, o autor da *Pedagogia de Sebastião da Gama - o Diário à luz da psicopedagogia*, Jesús Herrero, fundamentais ambos para a nossa condição de portugueses de hoje, empenhados na educação segundo a luz do nosso tempo.

#### *Bibliografia*

Gama, Sebastião da - *Diário*, ed. Ática, Lisboa, 1962

Gasset, Ortega y - *El tema de Nuestro Tiempo*, 9ª ed. Espasa Calpe, Col. Austral, Madrid 1959

Herrero, J. *Pedagogia Vital de Sebastião da Gama – o ‘Diário’ à luz da psicopedagogia*, 2ª ed., Editorial o Livro, Lisboa, 1968

Marías, Julián - *El tema del Hombre*, 4ª ed. Espasa Calpe, Col. Austral, Madrid 1959

MARIA TERESA PIMENTA

Publicado em *Cadernos de Educação de Infância*, nº 6, Abril-Junho – 1988, Ed. APEI

---

<sup>5</sup> Herrero, J.